

LITTERATURA

A MULHER PALLIDA

I

Rançou enfim o ultimo degráu da escada ao peso do vasto corpo do major Bento. O major deteve-se um minuto, respirou á larga, como se acabasse de subir, não a escada do sobrinho, mas a de Jacob, e enfiou pelo corredor adiante.

A casa era na rua da Misericordia, uma casa de sobrado, cujo locatario sublocára tres aposentos a estudantes. O aposento de Maximo era ao fundo, á esquerda, perto de uma janella que dava para a cozinha de uma casa da rua de D. Manoel. Triste lugar, triste aposento, e tristissimo habitante, a julgal-o pelo rosto com que appareceu ás paucalinhãs do major. Este bateu, com effeito, e bateu duas vezes, sem impaciencia nem soffreguidão. Logo que bateu a segunda vez, ouviu estalar dentro uma cama, e logo

um ruido de chinellas no chão, depois um silencio curto, enfim, moveu-se a chave e abriu-se a porta.

— Quem é? — ia dizendo a pessoa que abria. E logo: — é o tio Bento.

A pessoa era um rapaz de vinte annos, magro, um pouco amarello, não alto, nem elegante. Tinha os cabellos despenteados, vestia um chambre velho de ramagens, que foram vistosas no seu tempo, calçava umas chinellas de tapete; tudo aceado e tudo pobre. O aposento condizia com o habitante: era o alinhô na miseria. Uma cama, uma pequena mesa, tres cadeiras, um lavatorio, alguns livros, deus bahús, e pouco mais.

— Viva o Sr. estudante, disse o major sentando-se na cadeira que o rapaz lhe offerecera.

— Vosmecê por aqui, é noyidade, disse Maximo. Vem a passeio ou negocio?

— Nem negocio nem passeio. Venho...

Hesitou: Maximo reparou que elle trazia uma pollegada de fumo no chapéo de palha, um grande chapéo da roça, d'onde era o major Bento. O major,

como o sobrinho, eram de Iguassú. Reparou nisso, e perguntou assustado se morrera alguma pessoa da familia.

— Descanse, disse o major, não morreu nenhum parente de sangue. Morreu teu padrinho.

O golpe foi leve. O padrinho de Maximo era um fazendeiro rico e avaro, que nunca jamais dera ao sobrinho um só presente, salvo um cacho de bananas, e ainda assim, porque elle se achava presente na occasião de chegarem os carros. Tristemente avaro. Sobre avaro, misanthropo: vivia comsigo, sem parentes, — nem amigos, nem eleições, nem festas, nem cousa nenhuma. Maximo não sentiu muita commoção á noticia do obito. Chegou a proferir uma palavra de desdem.

— Vá feito, disse elle, no fim de algum tempo de silencio, a terra lhe seja leve, como a bolsa que me deixou.

— Ingrato! bradou o major. Fez-te seu herdeiro universal.

O major proferiu estas palavras estendendo os



ARCHIDUQUE PRINCIPE IMPERIAL DA AUSTRIA

braços para amparar o sobrinho, na queda que lhe daria a commoção; mas, a seu pesar, viu o sobrinho alegre, ou pouco menos triste do que antes, mas sem nenhum delirio. Teve um sobresalto, é certo, e não disfarçou a satisfação da noticia. Pudera! Uma herança de seiscentos contos, pelo menos. Mas dahi á vertigem, ao estontear que o major previa, a distancia era enorme. Maximo puxou de uma cadeira e sentou-se defronte do tio.

— Não me diga isso! Deveras herdeiro?

— Vim de proposito dar-te a noticia. Causou espanto a muita gente; o Moraes Bicudo, que fez tudo para empalmar-lhe a herança, ficou com uma cara de palmo e meio. Dizia-se muita coisa; uns que a fortuna ficava para o Moraes, outros que para o vi-gario, etc. Até se disse que uma das escravas seria a herdeira da maior parte. Historias! Morreu o homem, abrese o testamento, e lê-se a declaração de que você é o herdeiro universal.

Maximo ouviu contente. No mais recondito da consciencia delle insinuava-se esta reflexão, — que a morte do coronel era uma coisa deliciosa, e que nenhuma outra noticia lhe podia ir mais directa e profunda ao coração.

— Vim dizer isto a você, continuou o major, e trazer um recado de tua mãe.

— Que é?

— Simplesmente saber se você quer continuar a estudar ou se prefere tomar conta da fazenda.

— Que lhe parece?

— A mim nada: você é que decide.

Maximo reflectiu um instante.

— Em todo o caso, não é sangria desatada, disse elle; tenho tempo de escolher.

— Não, porque se você quiser estudar, dá-me procuração, e não precisa sair daqui. Agora, se...

— Vosmecê volta hoje mesmo?

— Não, volto sabado.

— Pois amanhã resolveremos isto.

Levantou-se, atirou a cadeira ao lado, bradando que enfim ia tirar o pé do lodo; confessou que o padrinho era um bom homem, apesar de secco e misanthropo, e a prova...

— Vivam os defunctos! concluiu o estudante.

Foi a um pequeno espelho, mirou-se, concertou os cabellos com as mãos; depois deteve-se algum tempo a olhar para o soalho. O tom sombrio do rosto dominou logo a alegria da occasião; e se o major fosse homem sagaz, poderia perceber-lhe nos labios uma leve expressão de amargura. Mas o major nem era sagaz, nem olhava para elle; olhava para o fumo do chapéo, e concertava-o; depois despediu-se do estudante.

— Não, disse este: vamos jantar juntos.

O major aceitou. Maximo vestiu-se de pressa, e em quanto se vestia, fallava das cousas de Iguassú e da familia. Pela conversa sabemos que a familia é pobre, sem influencia nem esperanza. A mãe do estudante, irmã do major, tinha um pequeno sitio, que mal lhe dava para comer. O major exercia um emprego subalterno, e nem sequer tinha o gosto de ser verdadeiramente major. Chamavam-lhe assim, porque dous annos antes, em 1854, disse-se que elle ia ser nomeado major da guarda nacional. Pura invenção, que muita gente acreditou realidade; e visto que lhe deram desde logo o titulo, repararam com elle o esquecimento do governo.

— Agora, juro-lhe que vosmecê ha de ser major de verdade, dizia-lhe Maximo pondo na cabeça o chapéo de pelto de lebre, depois de o escovar com muita minuciosidade.

— Homem, você quer que lhe diga? Isto de po-litica já me não importa. Afinal, é tudo o mesmo...

— Mas ha de ser major.

— Não digo que não, mas...

— Mas?

— Enfim, não digo que não.

Maximo abriu a porta e sahiram. Resoaram os passos de ambos no corredor mal alumado. De um quarto ouviu-se uma cantarola, de outro um monó- logo, de outro um tossir longo e cansado. — E' um astmatico, disse o estudante ao tio, que puzo o pé no primeiro degrão da escada para descer.

— Diabo de casa tão escura, disse elle.

— Arranjarei outra com luz e jardins, rearguiu o estudante.

E dando-lhe o braço, desceram á rua.

M. DE A.

(Continua)

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 15 de Agosto de 1881

Seja embora a estação dos bailes e dos saraus, são ainda os theatros que occupam o primeiro lugar entre as festas da quinzena.

Fallemos pois dos theatros.

Muito beneficio. Beneficio na Phenix, beneficio no São Pedro de Alcantara — para não citar senão os que merecem ser citados.

E' a epoca.

De ordinario, n'uma representação extraordinaria, como são os beneficios, o espectáculo não é senão uma continua successão de contratempos de toda especie, e o programma não parece ter sido feito senão para não ser executado.

Começemos pela Phenix Dramatica.

Num beneficio, ha sempre accidentes, disse o Sr. Marchand para justificar a substituição da primeira peça do programma do seu espectáculo. O que foi todavia tão bem que mal compensado: tivemos a *Estria d'uma Actriz*, em vez de alguma coisa de melhor; mas seguiu-se a esse pequeno acto uma das comedias mais encantadoras do repertorio da companhia dramatica italiana.

Refiro-me ao pequeno acto *Gelosi Fortunati*...

Dous esposos adoram-se, o que já é bastante novo e original; mas um e outro desconfiam não ser correspondidos, como mais usualmente succede na vida dos casados. D'ahi o desejo de cada qual tirar a prova.

Como conseguio?

Não ha rosa sem espinho e nem amor sem ciúme... Partindo desse annexim popular, a mulher quer ver se o marido a ama e o marido reciprocamente. Ella fingue aceitar a corte d'um primo, elle fingue fazer a corte a uma condessa. E ralam de desespero cada um para o seu lado; mas fingindo tambem ac mesmo tempo, como é de bom tom nas boas sociedades, que não tem a mais leve sombra de zelo.

— Vae jantar com a condessa, diz a mulher ao marido.

— Convida o teu primo para jantar contigo, aconselha o marido a mulher.

E isto com tanta naturalidade, com tão bom humor, que ambos se convencem finalmente que não são correspondidos. E ella escreve-lhe que vai para um convento, e elle escreve-lhe que vai chorar a sua desdita no campo, revelando-se deste modo um grande amor reciproco que faz delles os mais venturosos dos esposos.

Nada mais, não é?

Mas como tudo isso é bem encadeado, como tudo é natural, fino, espirituoso, alegre, de bello humor! E sobretudo como a Sra. Adelaide Tessero é graciosa, adoravel de arte e de verdade no seu papel, e o Sr. Bozzo um excelente interprete do d'elle.

Foi a perola mais brilhante que o Sr. Marchand gastou no longo collar de peças, symphonias e cançõetas que constituiram o bello espectáculo em seu beneficio.

O beneficio do artista Bozzo valeu-nos, alem do espirituoso adagio *Quem sabe o japo, não o ensina*, a representação dos *Candidatos*, do Dr. França Junior.

A chistes e comedia do nosso curador de orphãos, que tao bem cura de litteratura, tem a sua historia que data de quatro annos.

E' um pequeno e gracioso acto escripto para a Phenix, onde foi representado apenas uma vez. O artista Vasques renunciando ao seu papel — de conquistador, atacado da dança de S. Guydo, que, ao mesmo tempo que estremece de amor, estremece tambem das pernas, dos braços, da cabeça — por muito fatigante.

Revivem-a felizmente, e merecia essa *reprisa*. E' um quadro de costumes nossos, de maus costumes, mas bem observados e bem criticados, comicamente ou não já devemos estar cansados de nunca nos ver em scena.

Eis-nos no beneficio da Sra. Adelaide, e d'esta vez nenhum incidente, nenhum contratempo. Todas as promessas do programma são escriptosamente cumpridas.

Nada falla.

A sala está cheia como ha muito tempo não se enche; mas é sobretudo a scena que atrahê todas as attentões pela profusão de costumes á epoca, de toilettes a caracter. A beneficiada expoz alguns de grande belleza.

E' ainda no palco, o panno descido, que se dá o mais bello espectáculo. E' o feliz momento em que cada um vai poder admirar de perto a dona da festa, fallar-lhe, dirigir-lhe os mais sympathicos complimentos. Assim n'um fechar d'olhos as *contisses* regorgitam de admiradores. Todas as que podem penetrar lá estão.

Oh! santa admiração da arte!

Daver obrigando eu faço como os outros, e sigo a multidão.

A multidão, é a palavra para exprimir a chusma que se precipita, que se abalroa, que se choca, que faz estalar a escada, que enche a scena, invade os camarins, sequosa de mimosear e de complimentar a grande tragica. A Sra. Adelaide Tessero recebeu mais de um mimo, alguns dos quaes dignos de menção e de ser recebidos por ella.

Envolvida embora n'um a nuvem de bouquets, ella não podia lastimar entretanto: — *Trop de fleurs!*

Os diamantes brilhavam tambem nos presentes.

Felizmente.

Quanto ao espectáculo em si, representou-se *Adriana Lecoureur* de Seribe, em que a beneficiada morre magistralmente. E' a parte principal, e ella tanto o comprehendeu que se poupou o mais que pôde durante os primeiros actos sem prejudicar o desempenho.

— O que é que espera então, perguntava um exigente; acho-a um pouco sem vida hoje...

— Espera pela morte no final, e veras quanta vida!

A' hora em que apparecerem estas linhas, haverá já talvez muitos solteiros no Rio de Janeiro — pelo menos entre aquelles que acabam de festejar a sua liberdade.

Sim, elles dansaram, polkaram alegremente a sua independencia, valsaram prazenteiramente a sua liberdade de

solteiros, riram, brincaram; mas quantos d'entre elles não terão abjurado, mesmo nesse baile, a essa mesma independencia que elles tanto festejarão que tanto pareciam adorar.

Nós veremos em breve pelos proclamas.

O baile dos solteiros foi um cartel de desafio atirado ás moças solteiras, ellas aceitaram o combate; e é preciso confiar bem pouco no bello espirito das nossas fluminenses e desconfiar muito do mau gosto dos solteiros para acreditar que o celibato não soffreu n'esse baile a mais respeitandesciente gerrota.

Quanto protesto e quanta abjuração.

Para quantos essa festa de celibato não tera sido o enterro do celibato!

O exercito feminino la estava todo de braços e espaldas nuas. São as suas armas. O decotado, prespectiva que me não espanta — tocava aos paroxismos; o aspecto geral das salas era deslumbrantemente pittoresco.

A arte de se vestir — para não dizer a arte de se despir — nunca chegou tão longe.

E' a moda; e antes seguiu-la do que contraria-la.

Parece que a hydroterapia não é sem uma grande influencia benefica na corrente da moda.

Eu estava um d'esses dias n'um sarau onde vi a toilette mais lindamente indecente que uma elegante pode sonhar: a sua dona parecia vestida d'um corpinho e d'uma saia que se moldavam immediatamente sobre as suas formas. Era uma luya — bem calçada.

Eu admirava essa illusão de toilette, quando uma velha desandou a philosophar. — Que a hydroterapia, hoje tão aconselhada e tão seguida, matou o pudor na nova geração feminina, que o habito de ir ao Boqueirão mostrar-se a todos os banhistas conhecidos e desconhecidos, n'um costume demaziado ligeiro, diminuiu cada dia a feroz resistencia que as mulheres de outrora oppunham a mostrar um começo de perna e um fim de braço.

Não deixa de haver alguma verdade no que dizia essa boa velha; mas, que ella me perdõe, havia no tom acre e rancoroso com que ella se refiria ás moças de hoje e a essas meninas de hoje — uma como que saudade ou um certo resabão de inveja um fundo de colera talvez por a hydroterapia ter vindo tão tarde e ella tao cedo!

Tudo tem o seu tempo...

Devo fallar-vos agora das ultimas corridas?

Hamleto tinha o folego curto: nos temos o enthusiasmo curto. Depois da festa do grande premio, as corridas do Prado Fluminense vão perdendo a sua animação até cair no esquecimento. Ninguém nas archibancadas, poucas apostas, nenhum carro descoberto; foi-se a animação, o enthusiasmo, a alegria, o brilho até para o anno.

Nas corridas de domingo, sentia-se já e muito vehementemente esse desagradavel symptoma.

Resta-vos ainda a festa da Gloria, a outrora celebra festa da Gloria do Outeiro, tão popular, tão concorrida e tao bem descripta por José de Alencar n'um dos seus romances, que eu infelizmente não devo citar-vos. Tambem ha decote na litteratura, e as velhas podem philosophar...

Mas já não é a mesma festa.

D'esde que se estabelecerem que a igreja é o theatro dos pobres, ninguém vai mais ás festas de igreja. Os santos vão ficando fóra da moda — apesar de alguns bem decotados, e a leitora, estou bem certo, já não espera senão as madonas lyricas que ali vem dar-nos o *Mephistopheles*.

E' menos sacro, porém mais divertido.

DANTAS JUNIOR.

LIVRINHO DE FAMILIA

CURA DAS ESCROFULAS.—Um medico inglez, cujo nome lamentamos ter esquecido, curava os engurgitamentos escrofulosos, que deixam sempre traços indeleveis, applicando sobre elles, logo que se manifestavam, uma compressa, renovada oito ou dez vezes por dia, de alcool puro.

Ao cabo de quatro ou cinco dias, o engurgitamento desaparecia.

E' ocioso dizer que esse tractamento local não exclue um tractamento geral, para o qual deve consultar-se um medico.

REMEDIO CONTRA OS FURUNCULOS.—As propriedades medicinaes da folha de couve são geralmente pouco conhecidas.

Todavia, a folha de couve é um poderoso matu-rativo para os furunculos.

Eis o modo de empregal-a: toma-se uma folha de couve, que se corta em cinco ou seis pedaços; aquecem-se ao fogo e poem-se umas sobre as outras atando-as com uma tira de linho.

No fim de vinte e quatro horas, no maximo, o furunculo arrebeutã e começa a sarar.

AS CASAS NOVAS.—Só no fim de um anno se deve ir morar para casas novas ou rebocadas de gesso, não por causa da humidade, mas por causa do hydrogenio sulphurado que essa humidade rouba ao gesso (sulphate de cal).

LITTERATURA

A MULHER PALLIDA

(CONTINUAÇÃO)

II

Naturalmente a leitora notou a impressão de tristeza do estudante, no meio da alegria que lhe trouxe o tio Bento. Não é provável que um herdeiro, na occasião em que se lhe annuncia a herança, tenha outros sentimentos que não sejam de regosijo; dahi uma conclusão da leitora,— uma suspeita ao menos,— suspeita ou conclusão que a leitora terá formulado nestes termos:

—O Maximo padece do figado.

Engano! O Maximo não padece do figado; goza até uma saude de ferro. A causa secreta da tristeza subita do Maximo, por mais inverosimil que pareça, é esta: — O rapaz amava uma galante moça de deztoze annos, moradera na rua dos Arcos, e amava sem ventura.

Desde dous mezes fora apresentado em casa do Sr. Alcantara, á rua dos Arcos. Era o pae de Eulalia, que é a moça em questão. O Sr. Alcantara não era rico, exercia um emprego mediano no Thesouro, e vivia com certa economia e discrição; era ainda casado e tinha só duas filhas, a Eulalia, e outra que não passava de sete annos. Era um bom homem, muito intelligente, que se affieçou desde logo ao Maximo, e que, se o consultassem, não diria outra coisa senão que o aceitava para genro.

Tal não era a opinião de Eulalia. Gostava de conversar com elle, — não muito,—ouvia-lhe as graças, porque elle era gracioso, tinha repentes felizes; mas só isso. No dia em que o nosso Maximo se atreveu a interrogar os olhos de Eulalia, esta não lhe respondeu coisa nenhuma, antes suppoz que fora engano seu. Da segunda vez não havia duvida; era positivo que o rapaz gostava della e a interrogava. Eulalia não pude ter-se que não commentasse o gesto do rapaz, no dia seguinte com umas primas.

— Ora vejam!

— Mas que tem? aventurou uma das primas.

— Que tem? Não gosto delle; parece que é razão bastante. Realmente, ha pessoas a quem não se póde dar um pouco de confiança. Só porque conversou um pouco commigo já pensa que é motivo para cahir de namoro. Ora não vê!

Quando, no dia seguinte, Maximo chegou á casa do Sr. Alcantara, foi recebido com frieza; entendeu que não era correspondido, mas nem por isso desanimou. Sua opinião é que as mulheres não eram mais duras do que as pedras, e entretanto a persistencia da agua vencia as pedras. Além deste ponto de doutrina, havia uma razão mais forte: elle amava de veras. Cada dia vinha fortalecer a paixão do moço, a ponto de lhe parecer inadmissivel outra coisa que não fosse o casamento, e proximo; não sabia como seria proximo o casamento de um estudante sem dinheiro com uma dama, que o desdenhava; mas o desejo occupa-se tão pouco das cousas impossiveis!

Eulalia, honra lhe seja, tratou de desenganar as esperanças do estudante, por todos os modos, com o gesto e com a palavra; fallava-lhe pouco, e ás vezes mal. Não olhava para elle, ou olhava de relance, sem demora nem expressão. Não applaudia, como outrora os versos que elle ia ler em casa do pai, menos ainda lhe pedia que recitasse outros, como as primas; estas sempre se lembravam de um *Devaneio*, um *Suspiro ao luar*, *Tous olhos*, *Ella*, *Minha vida por um olhar*, e outros peccados de igual peso, que o leitor pode comprar hoje por seiscentos réis, em brochura, na rua de S. José n.º....., ou por trescentos réis, sem frontispicio. Eulalia ouvia todos as bellas estrophes, compostas especialmente para ella, como se fossem uma pagina de S. Thomaz de Aquino.

— Vou arriscar uma carta, disse um dia o rapaz, ao fechar a porta do quarto, da rua da Misericordia.

Effectivamente entregou-lhe uma carta alguns dias depois, á sahida, quando ella já não pedia recusal-a. Sahiu precipitadamente; Eulalia ficou com o papel na mão, mas devolveu-lhe no dia seguinte.

Apezar desta recusa e de todas as outras, Maximo conservava a esperança de triumphar enfim da resistencia de Eulalia, e não a conservava senão porque a paixão era verdadeira e forte, nutrida de si mesma, e irritada por um sentimento de amor proprio offendido. O orgulho do rapaz sentia-se humilhado, e, para perdoar, exigia a completa obediencia. Imaginava-se portanto o que seriam as noites delle, no quartinho da rua da Misericordia, após os desdens de cada dia.

Na yespera do dia em que o major Bento veio de Iguassú communicar ao sobrinho a morte e a herança do padrião, Maximo reuniu todas as forças e deu batalha campal. Vestiu nesse dia um paletó á moda, umas calças talladas por mão de mestre, deu-se ao luxo de um cabelleiro, retesou o principio de um bigode mal espesso, colligio nos olhos toda a somma da electricidade que tinha no organismo, e foi para a rua dos Arcos. Um collega de anno, confidente dos primeiros dias do namoro, costumava a fazer do nome da rua uma triste aproximação historica e militar: — Quando saes tu da ponte d'Arcole? — Esta chufa sem graça nem misericordia doia ao pobre sobrinho do major Bento, como se fosse uma punhalada, mas não o dizia, para não confessar tudo; apesar das primeiras confidencias, Maximo era um solitario.

Foi; declarou-se formalmente, Eulalia recusou formalmente, mas sem desdem, apenas fria. Maximo voltou para casa abatido e passou uma noite de todos os diabos. Ha fortes razões para crer que não almoçou nesse dia, além de tres ou quatro chicaras de café, café e cigarros. Maximo fumou uma quantidade incrível de cigarros. Os vendedores de tabaco certamente contam com as paixões infelizes, as esperas de entrevistas, e outras hypotheseas em que o cigarro é confidente obrigado.

Tal era, em resumo, a vida anterior de Maximo, e tal foi a causa da tristeza com que ponde resistir ás alegrias de uma herança inesperada,— e duas vezes inesperada, pois não contava com a morte, e menos ainda com o testamento do padrião.

— Vivam os defuntos! Esta exclamação com que recebera a noticia do major Bento, não trazia o alvoroço proprio de um herdeiro; a nota era forçada de mais.

O major Bento não soube nada daquella paixão secreta. Ao jantar, via-o de quando em quando ficar calado e sombrio, com os olhos fitos na mesa, a fazer bolas de miolo de pão.

— Tu tens alguma cousa, Maximo? perguntava-lhe.

Maximo estremecia, e procurava sorrir um pouco.

— Não tenho nada.

— Estás assim... um pouco... pensativo...

— Ah! é a lição de amanhã.

— Homem, isto de estudos não deve ir ao ponto de fazer adoecer a gente. Livro faz a cara amarella. Você precisa de distrair-se, não ficar metido naquelle buraco da rua da Misericordia, sem ar nem luz, agarrado aos livros...

Maximo aproveitava estes sermões do tio, e voava outra vez a rua dos Arcos, isto é, ás bolas de miolo de pão e aos olhos fitos na mesa. N'um desses esquecimentos, e enquanto o tio despia uma costelleta de porco, Maximo disse em voz alta:

— Justo.

— O que é? perguntou o major.

— Nada.

— Você está fallando só, rapaz? Um? aqui ha cousa. Não-de ver as italianas do theatro.

Maximo sorriu, e não explicou ao tio porque motivo lhe saíra aquella palavra da boca, uma palavra secca, nua, vaga, susceptivel de mil applicações. Era um juizo? uma resolução?

(Continua)

M. DE A.

VIAGENS

O artigo que, sob este titulo, começamos hoje a publicar, é extrahido de uma recente publicação da *Bibliotheca Gilon* — de Bruxellas, *Viagens ás duas Americas*, pelo Dr. Ch. Corbisier, medico do exercito belga, ex-cirurgião-mór da marinha belga-americana a bordo do vapor belga *Teniers*, que esteve ancorado em nosso porto durante o mez de outubro de 1872.

Ch. Corbisier nasceu em Philippeville a 21 de novembro de 1854.

Concluindo o curso de medicina em agosto de 1879, nesse mesmo mez foi nomeado medico do vapor *Teniers*.

É esta a primeira obra do Dr. Ch. Corbisier; e tão desapassionados são os seus juizos, tão vivo é o seu entusiasmo pelas nossas cousas que, si se lhe podem apontar inexactidões, não se lhe poderá negar extrema boa vontade e demasia de louvores, qualidades estas pouco communs nos viajantes que se tem occupado do Brasil.

O BRASIL

Partindo de Buenos-Ayres a 30 de setembro de 1879, vimos, cinco dias depois, apparecerem no horizonte as primeiras terras brasileiras sob a forma de altas penedias. Para logo navegámos no meio de uma multidão de ilhas bellissimas, cobertas da luxuriante vegetação dos tropicos, asylo de numerosos passaros multicores, que os rancos do nosso Leviathan obrigavata a fugir espantados. De repente o navio contornea um immenso rochedo conico, o *Pão de Assucar*, e a bahia do Rio de Janeiro subitamente se desdobra a nossos olhos.

Não me parece que o olhar humano possa contemplar espectáculo mais bello. Achamo-nos no seio de uma immensa bahia com cerca de quinze leguas de comprimento e tres de largura: todos os navios de guerra de todas as nações do mundo poderiam navegar á vontade, e sem piloto, nesse vasto estuario.

Fronteiro a nós, o Rio de Janeiro eleva as suas pittorescas construcções n'uma serie de pequenos morros, que se perdem insensivelmente no mar.

Aqui e além irrompe da massa confusa a flecha de uma igreja ou a cúpula de um monumento.

Mais ao fundo do quadro a igreja da Candelaria, o Corcovado, os montes Tijuca que alçam magestosamente a sua massa imponente, cujo apice singularmente recortado se perde nas nuvens.

Mais á esquerda, Botafogo com a sua esplendida bahia e as suas *vilas* occultas na verdura, como ninhos no meio das flores.

A volta de nós o mar, limpo e azul, permite ao olhar prescrutar-lhe os mais intimos recessos.

De todos os lados ilhotas; em toda parte navios, mastros, pavilhões; e por sobre tudo isso um sol esplendido, desconfiado nas nossas brumosas regiões, derrama na natureza ondas de luz incomparavel.

Transposta a barra, passámos pelas fortalezas que formam á entrada da bahia uma defesa formidavel, e lançámos ferro. Desembarquei sem a menor demora.

Pela sua posição á beira mar, o Rio de Janeiro adquiriu o monopolio da maior parte das transacções commerciaes do paiz: é a capital do imperio e residencia de S. M. o imperador dom Pedro II.

Sob todos os pontos de vista, o Rio de Janeiro póde dividir-se em duas partes essencialmente distinctas entre si.

Nada ha tão extravagante como a cidade velha para onde se desce vindo do ancoradouro dos paquetes transatlanticos.

As ruas, cujo calçamento pontudo é o desespero dos transeuntes e a fortuna dos discipulos de S. Crispim, são excessivamente estreitas; as casas são muito altas, de tal modo que ha nas ruas, nessa epocha do anno pelo menos, muita sombra, verdadeira necessidade nesses climas.

Essas casas apresentam o aspecto peculiar ás construcções da velha Hespanha, com as suas espessas paredes de pedra cinzenta, as suas gelosias e os seus balcões.

Durante o dia está tudo hermeticamente fechado; mas quando cae a noite, levantam-se as gelosias, abrem-se as janellas, e as encantadoras *senoras* brasileiras apparecem, enlevando com a sua graça e gentileza os olhares admirados do transeunte.

Nessa parte da cidade ha uma vida e uma animação, que excedem o que vi em Montevideo e Buenos-Ayres.

O Deus do commercio abi reina como senhor absoluto, e cada casa é, por assim dizer, um templo onde se lhe offercem sacrificios.

Os baixos são *stores*, lojinhas ou officinas; de longe em longe encontra-se um botequim, uma taverna, uma confeitaria, onde ao transeunte sedento se deparam café delicioso, gelo, limonadas, sorvetes magnificos, e onde póde descansar á sombra, n'um meio cuja agradavel frescura é mantida por disposições architectonicas sabiamente combinadas.

As ruas, atravancadas de vehiculos de toda a especie, não deixam por isso de ser menos arriscadas para os infelizes que andam a pé.

Bonds, carroças, caminhões, carros, tudo isso se mistura, se cruza, se embaraça, no meio de um concerto de gritos e vociferações taes, como só as sabem produzir as gargantas meridionaes.

(Continua)

DR. CH. CORBISIER.

LITTERATURA

A MULHER PALLIDA

(CONTINUAÇÃO)

III

Maximo teve uma ideia singular: experimentar se Eulalia, rebelde ao estudante pobre, não o seria ao bardeiro rico. Nessa mesma noite foi á rua dos Arcos. Ao entrar, disse-lhe o Sr. Alcantara:

— Chega a propósito: temos aqui umas moças que ainda não ouviram o *Suspiro no luar*.

Maximo não se fez rogado: era poeta; suppunha-se grande poeta; em todo caso recitava bem, com certas inflexões langorosas, umas quedas da voz, e uns olhos cheios de morte e de vida. Abateu o paletó com uma intenção chateaubrianica, mas o paletó recusou-se a intenções estrangeiras e litterarias. Era um prosaico paletó nacional, da rua do Hospício n.º. A mão ao peito corrigiu um pouco a rebeldia do vestuário; e esta circumstancia persuadiu a uma das moças de fóra que o joven estudante não era tão desprezível como lhe havia dito Eulalia. E foi assim que os versos começaram a brotar-lhe da boca, — a adejar-lhe, que é melhor verbo para o nosso caso.

— Bravo! bravo! diziam os ouvintes, a cada estrophe.

Depois do *Suspiro no luar*, veio o *Devaneio*, obra nebulosa e deliciosa ao mesmo tempo, e ainda o *Collo de neve*, até que o Maximo annunciou uns versos inéditos, compostos de fresco, poucos minutos antes de sair de casa. Imagine! Todos os ouvintes afiaram-se para tão gulosa especieria litteraria. E quando elle annunciou que a nova poesia denotava-se *Uma cabana e teu amor*, — houve um geral murmúrio de admiração. Maximo preparou-se: tornou a inserir a mão entre o colete e o paletó, e fitou os olhos em Eulalia.

— Forte tolo! disse a moça consigo.

Geralmente, quando uma mulher tem de um homem a ideia que Eulalia acabava de formular, — está prestes a mandal-o embora de uma vez ou a adoral-o em todo o resto da vida. Um moralista diz que as mulheres são extremas: ou melhores ou piores do que os homens. Extremas são, e dahi o meu conceito. A nossa Eulalia estava no ultimo fio da tolerancia; um pouco mais, e o Maximo ia receber as derradeiras despedidas. Naquella noite mais do que nunca, pareceu-lhe insupportavel o estudante. A insistencia do olhar, — elle, que era tímido, — o ar de soberania, certa consciencia de si mesmo, que até então não mostrara, tudo o condemnou de uma vez.

— Vamos, vamos, disseram os curiosos ao poeta.

— *Uma cabana e teu amor*, repetiu Maximo.

E começou a recitar os versos. Essa composição intencional disia que elle, poeta, era pobre, muito pobre, mais pobre do que as aves do céu; mas que a sombra de uma cabana, ao pé *della*, seria o mais feliz e mais opulento homem do mundo. As ultimas estrophes, — juro que não as cito senão por ser fiel á narração, — as estrophes derradeiras eram assim:

Que me importa não tragas brilhantes,
Refulgindo no teu colie ou?
Tens nos olhos as joras vibrantes,
E a mais nitida perola ás tu.

Pobre sou, pobre quero ajoelhado,
Como um cão amoroso, a teus pés,
Viver só de sentir-me adorado,
E adorar-te, meu anjo, que o és.

O effeito destes versos foi estrondoso. O Sr. Alcantara, que suava no Thesouro todos os dias para evitar a cabana e o almoço, um tanto parco, celebrado nos versos do estudante, applaudiu entusiasticamente os desejos deste, notou a melodia do rythmo, a doçura da phrase, etc.

— Oh! muito bonito! muito bonito! exclamava elle, e repetia entusiasmado:

Pobre sou, pobre quero ajoelhado,
Como um cão amoroso a teus pés,

Amoroso a teus pés... Que mais? Amoroso a teus pés, e... Ah! sim!

Viver só de sentir-me adorado,
E adorar-te, meu anjo, que o és!

Note-se, — e este rasgo mostrará a força de character de Eulalia, — note-se que Eulalia achou os versos bonitos, e achal-os-hia deliciosos, se os pudesse

ouvir com orelhas sympathicas. Achou-os bonitos, mas não os applaudiu.

— « Arrou-se uma brincadeira » para usar a expressão do Sr. Alcantara, querendo dizer que se dançou um pouco. — Arrememos uma brincadeira, bradára elle. Uma das moças foi para o piano, as outras e os rapazes dansaram. Maximo alcançou uma quadilha de Eulalia: no fim da terceira figura disse-lhe baixinho.

— Pobre sou, pobre quero ajoelhado...

— Quem é pobre não tem vícios, respondeu a moça rindo, com um pouso de ferocidade nos olhos e no coração.

Maximo enfiou. Não me amará nunca, pensou elle. Ao chá, restabelecido do golpe, e fortemente mordido do despeito; lembrou-se de dar a acção definitiva, que era noticiar a herança. Tudo isso era tão infantil, tão adondado, que a lingua entorpecceu-se-lhe no melhor momento, e a noticia não lhe saiu da bocca. Foi só então que elle pensou na singularidade d'uma noticia daquellas, em plena zozila de estranhos, depois de uma quadilha e alguns versos. Esse piano, affagado durante a tarde e a noite, que lhe parecia um prodigio de habilidade, e talvez o fosse de veras, esse piano appareceu-lhe agora pela face obscura, e achou-o ridículo. Miúdo: achou-o ousado apenas. As visitas começaram a despedir-se, e elle foi obrigado a despedir-se tambem. Na rua, arrependeu-se, chamou-se covarde, tolo, maricas, todos os os nomes feios que um character fraco dá a si mesmo, quando perde uma acção. No dia seguinte metten-se a caminho para Iguassú.

Seis ou sete semanas depois, tornado de Iguassú a noticia da herança era publica. A primeira pessoa, a quem o visitou foi o Sr. Alcantara, e força é dizer que a pena com que lhe appareceu era sincera. Elle o aceitara ainda pobre; e que de veras o estimava.

— Agora continúa os seus estudos, não é? perguntou elle.

— Não sei, disse o rapaz: pode ser que não.

— Como assim?

— Estou com ideias de ir estudar na Europa, na Allemanha, por exemplo; em todo o caso, não irei este anno. Estou moço, não preciso ganhar a vida, posso esperar.

O Sr. Alcantara deu a noticia á familia. Um irmão de Eulalia não se teve que não lançasse em rosto á irmã os seus desdens, e sobretudo a crueldade com que os manifestára.

— Mas se não gosto d'elle, e agora? dizia a moça. E dizia isso arrebitando o nariz, e com um geito de hombros, secco, frio, enfadado, amofinado.

— Ao menos, confessa que é um moço de talento, insistiu o irmão.

— Não digo que não.

— De muito talento.

— Creio que sim.

— Se é! Que bonitos versos que elle faz! E depois não é feio. Você dirá que o Maximo é um rapaz feio?

— Não, não digo.

Uma prima, casada, teve para Eulalia os mesmos reparos. A essa confessou Eulalia: que o Maximo nunca se declarára de veras, embora lhe mandasse algumas cartas. — Podia ser caçoda de estudante, disse ella.

— Não creio.

— Podia.

Eulalia, — e aqui começa a explicar-se o titulo deste conto, — Eulalia era de um moreno pallido. Ou doença, ou melancolia, ou pó de arroz, começou a ficar mais pallida depois da herança do Iguassú. De maneira que, quando o estudante lá voltou um mez depois, admirou-se de a ver, e de certa maneira sentiu-se mais ferido. A pallidez de Eulalia tinha-lhe dado uns trinta versos, porque elle romantico a cabado, do grupo chlorotico, amava as mulheres pela falta de sangue e de carnes. Eulalia realisára um sonho; ao voltar de Iguassú o sonho era simplesmente divino.

Isto acabaria aqui mesmo, se Maximo não fosse um de romantico, dotado de uma delicadeza e de um amor-proprio extraordinarios. Essa era a outra feição principal d'elle, a que me dá esta novellita: porque se tal não fóra... Mas eu não quero usurpar a acção do capitulo seguinte.

M. DA A.

(Continua)

VIAGENS

O BRASIL

(Continuação)

Não sabe a gente o que mais deva admirar, si a habilidade dos cocheiros, si o descuido com que conduzem os seus vehiculos atravez de todos os obstaculos, sem se importarem nada com os accidentes que podem occasionar ou com os prejuizos a que podem dar lugar. Si vos refugiardes na calçada, um carroceiro⁽¹⁾ mais impaciente não porá duvida em levar para lá as suas bestas e a sua carroça. Outras vezes são negros que trazem pesados fardos á cabeça e com os que se esbarra ao voltar uma esquina!...

Finalmente, graças á minha boa estrella, eis-me n'um sitio mais tranquillo, a rua do Ouvidor, que me parece ser para o Rio de Janeiro o que é para Bruxellas a Montanha da Corte e a rua do Escudeiro. Bonitos armazens, cujas amostras são maravilhosamente bem preparadas, offerecem aos compradores todas essas bagatellas que o luxo e a moda crearam nos deus mandos.

Os negociantes francezes são numerosissimos na rua do Ouvidor, e, pela primeira vez depois de tantos mezes, ouvi a lingua do meu paiz.

Nas calçadas passeiam lentamente, de leque na mão e mantilha na cabeça, as senhoras da alta sociedade brasileira, cerca-las dos elegantes que se desfazem em attentões. É uma ostentação inaudita de vestuários admiraveis, de seda, de rendas, de flores. As conversações, o andar, os menores movimentos tem o cunho da graça mais delicada e da mais perfeita distincção.

É assim que vejo moços beijarem respeitadamente a mão de velhos que encontram.

No Café da America, onde entrei para tomar um refresco, o mesmo bom gosto, as mesmas maneiras corizes.

O brasileiro é eminentemente sobrio por natureza, e todos os que vi em diferentes tavernas não pediam bebidas alcoholicas. O café quente ou frio, as limonadas, a agua de Seltz são os unicos refrescos que tomam. A cerveja ingleza ou alleman tambem não tem nelles grandes consumidores.

A hospitalidade é excessiva nos estabelecimentos publicos. A entrada n'uma loja de bebidas não obriga a tomar qualquer coisa. Pelo contrario: uma talha com agua fresca, *agua gelada* (2) está bem á vista na sala commum. O primeiro que passa entra, toma um copo no aparador, lava-o e vai buscar agua fresca á talha, sem ter por isso de desembolsar a menor somma. O mesmo succede nos armazens de viveres e comestiveis.

Seria util que os estrangeiros tivessem a prudencia de se submeter ao regimen dos habitantes do paiz. Estou convencido que, neste caso, a sua acclimação offereceria menos difficuldade.

Ao sabir da rua do Ouvidor, prosigo na minha peregrinação, e, afastando-me mais do porto, não tardou a encontrar ruas largas, mais arejadas e sobretudo menos ruidosas. Aqui já não ha commercio, nem gritos, nem tumulto; e raros transeuntes se encontram.

Aqui e alli um grupo de negros e negras dispostos em fila juncto de uma bica esperam a vez de encher os regadores e levar para a casa a provisào d'agua necessaria ao consumo do dia.

Atravessó tambem algumas bonitas praças publicas, ornadas de *squares* e de estatuas. Uma das mais bonitas é a que se estende em frente do theatro imperial (3); merece igualmente ser mencionada a que fica no fim da rua do Ouvidor e onde se vê uma bella igreja, bem que de um estylo pesado. Ha muitas igrejas no Rio de Janeiro, e são ornadas com um luxo e uma riqueza que honram a piedade da população. As suas paredes são excessivamente espessas, os vidros pintados adoçam a luz demasiado viva do sol, de sorte que ha nas igrejas um crepusculo e uma frescura, que tornam agradabilissimos esses asylos da oração. A devoção no Rio de Janeiro tem pois o seu lado bom e é muito seguida.

Entre os monumentos que me foi dado ver, cite-mos o bello theatro imperial, onde assisti a uma representação do *Fausto* com uma Margarida (4) que posto fosse morena e brasileira, não era menos seductora; nesse dia precisamente estreava na carreira ar-

(1) *Arriero*, no original.(2) *Agua gelada*, no original.

(3) O auctor refere-se ao Theatro S. Pedro de Alcantara.

(4) Será Mlle. Claira Pollonio?

LITTERATURA

A MULHER PALLIDA

(CONCLUSÃO)

IV

— Quem é pobre não tem vícios. Esta phrase ainda resoava aos ouvidos de Maximo, quando já a pallida Eulalia mostrava-se outra para com elle, — outra cara, outras maneiras, e até outro coração. Agora, porém, era elle que desdenhava. Em vão a filha do Sr. Alcantara, para resgatar o tempo perdido e as justas magoas, requebrava os olhos até onde elles podiam ir sem desdouro nem incommodo, sorria, fazia o diabo; mas, como não fazia a unica accção necessaria, que era apagar litteralmente o passado, não adiantava uma linha; a situação era a mesma.

Maximo deixou de frequentar a casa algumas semanas depois da volta de Iguassú, e Eulalia voltou as esperanças para outro ponto menos nebuloso. Não nego que as noivas começaram a chover sobre o recente herdeiro, porque negaria a verdade conhecida por tal; não foi chuva, foi tempestade, foi um tufão de noivas, qual mais bella, qual mais prendada, qual mais disposta a fazel-o o mais feliz dos homens. Um antigo companheiro da Escola de Medicina apresentou-o a uma irmã, realmente galante, D. Felismina. O nome é que era feio; mas que é um nome? *What is a name?* como diz a flor dos Capuletos.

— D. Felismina tem um defeito, disse Maximo, a uma prima della, um defeito capital; D. Felismina não é pallida, muito pallida.

Esta palavra foi um convite ás pallidas. Quem se sentia bastante pallida afiava os olhos contra o peito do ex-estudante, que em certo momento achou-se uma especie de hospital de convalescentes. A que se seguiu logo foi uma D. Rosinha, creatura linda como os amores.

— Não podes negar que D. Rosinha é pallida, dizia-lhe um amigo.

— E' verdade, mas não é ainda bem pallida, quero outra mais pallida.

D. Amelia, com quem se encontrou um dia no Passeio Publico, devia realizar o sonho ou o capricho de Maximo; era difficil ser mais pallida. Era filha de um medico, e uma das bellezas do tempo. Maximo foi apresentado por um parente, e dentro de poucos dias frequentava a casa. Amelia apaixonou-se logo por elle, não era difficil, — já não digo por ser abastado, — mas por ser realmente bello. Quanto ao rapaz, ninguem podia saber se elle de-veras gostava da moça, ninguem lhe ouvia cousa nenhuma. Fallava com ella, louvava-lhe os olhos, as mãos, a boca, as maneiras, e chegou a dizer que a achava muito pallida, e nada mais.

— Ande lá, disse-lhe enfim um amigo, desta vez creio que encontre a pallidez mestra.

— Ainda não, tornou Maximo: D. Amelia é pallida, mas eu procuro outra mulher mais pallida.

— Impossivel.

— Não é impossivel. Quem pôde dizer que é impossivel uma cousa ou outra? Não é impossivel: ando atraz da mulher mais pallida do universo; estou moço, posso esperal-a.

Um medico, das relações do ex-estudante, começou a desconfiar que elle tivesse algum transtorno, perturbação, qualquer cousa que não fosse a integridade mental; mas, communicando essa suspeita a alguém, achou a maior resistencia em crer-lh'a.

— Qual doudo! respondeu a pessoa. Essa historia de mulheres pallidas é ainda o despeito que lhe ficou da primeira, e um pouco de fantasia de poeta. Deixe passar mais uns mezes, e vel-o-hemos coradinho como uma pitanga.

Passaram-se quatro mezes: appareceu uma Justina, viuva, que tratou de apoderar-se logo do coração do rapaz, o que lhe custaria tanto menos, quanto que era talvez a creatura mais pallida do universo. Não só pallida de si mesma, como pallida tambem pelo contraste das roupas de luto. Maximo não encobriu a forte impressão que a dama lhe deixou. Era uma senhora de vinte e um a vinte e dous annos, alta, fina, de um talhe elegante e esbelto, e umas feições de gravura. Pallida, mas sobretudo pallida.

Ao fim de quinze dias, o Maximo frequentava a casa com uma pontualidade de alma ferida, os parentes de Justina trataram de escolher as prendas nupciaes, os amigos de Maximo annunciaram o casamento proximo, as outras candidatas retiraram-se.

No melhor da festa, quando se imaginava que elle ia pedil-a, Maximo affastou-se da casa. Um amigo lançou-lhe em rosto tão singular procedimento.

— Qual? disse elle.

— Dar esperanças a uma senhora tão distincta...

— Não dei esperanças a ninguem.

— Mas enfim não podes negar que é bonita?

— Não.

— Que te ama?

— Não digo que não, mas...

— Creio que tambem gostas della...

— Pode ser que sim.

— Pois então?

— Não é bem pallida; eu quero a mulher mais pallida do universo.

Como estes factos se reproduzissem, a ideia de que Maximo estava doudo foi passando de um em um, e dentro em pouco era opinião. O tempo parecia confirmar a suspeita. A condicção da pallidez que elle exigia da noiva, tornou-se publica. Sobre a causa da monomania disse-se que era Eulalia, uma moça da rua dos Arcos, mas accrescentou-se que elle ficara assim porque o pae da moça recusára o seu consentimento, quando elle era pobre; e dizia-se mais que Eulalia tambem estava douda Lendas, lendas. A verdade é que nem por isso deixava de apparecer uma ou outra pretendente ao coração de Maximo: mas elle recusava-as todas, asseverando que a mais pallida ainda não havia apparecido.

Maximo padecia do coração. A molestia aggravou-se rapidamente; e foi então que duas ou tres candidatas mais intrepidas resolveram-se a queimar todos os cartuchos para conquistar esse mesmo coração, embora doente, ou *parece que...* Mas, em vão! Maximo achou-as muito pallidas, mas ainda menos pallidas, do que seria a mulher mais pallida do universo.

Vieram os parentes de Iguassú; o tio major propoz uma viagem á Europa: elle porém recusou. — Para mim, disse elle, é claro que acharei a mulher mais pallida do mundo, mesmo sem sair do Rio de Janeiro.

Nas ultimas semanas, uma visinha delle, em Andarahy, moça tísica, e pallida como as tísicas, propoz-lhe rindo, de um riso triste, que se casassem, porque elle não acharia mulher mais pallida.

— Acho, acho; mas se não achar, caso com a senhora.

A visinha morreu dahi a duas semanas; Maximo levou-a ao cemiterio.

Mez e meio depois, uma tarde, antes de jantar, estando o pobre rapaz a escrever uma carta para o interior, foi acometido de uma congestão pulmonar, e caiu. Antes de cair teve tempo de murmurar:

— Pallida... pallida...

Uns pensaram que elle se referia á morte, como a noiva mai pallida, que ia enfim desposar; outros, acreditaram que eram saudades da dama tísica, outros que de Eulalia, etc. Alguns creem simplesmente que elle estava doudo; e esta opinião, posto que menos romantica, é talvez a mais verdadeira. Em todo caso, foi assim que elle morreu, pedindo uma pallida, e abraçando-se á pallida morte. *Pallida mors*, etc.

M. DE A.

BIBLIOGRAPHIA

LOURENÇO, POR F. TAVORA; — 1881.

Das prós da typographia nacional sae agora, n'uma elegante edição de duzentos exemplares, o terceiro livro da *Litteratura do Norte*, anteriormente estampado nas paginas da *Revista Brasileira*.

Pesa-nos discordar profundamente dos intuitos da sua obra logo a primeira vez que nos é dado conversar com o publico acerca de um escriptor, e de um escriptor bem reputado como é o Sr. Franklin Tavora. E as primeiras perguntas que naturalmente saltam do bico da penna são estas: — O que é a litteratura do Norte? Em que se funda? Qual a sua caracteristica? Quaes os seus seguidores?

Estas interrogações deveria o auctor tel-as poupadamente aos leitores, traçando a frente do primeiro volume a sua profissão de fé, as suas taboas da lei, o seu prefaceo de *Cromwell*. E certo que n'uma advertencia ao *Matuto*, publicado em 1878, se diz « ficar fóra desse livro a carta, que escreveu o auctor, tendo á vista as objecções de amigos e inimigos á fundação, ou, antes, ao reconhecimento da litteratura do Norte. »

Mas são decorridos tres annos, estão publicados tres livros e ainda agora ninguem poderá formar cabal conceito da divisão, que o Dr. Tavora pretende applicar á litteratura brasileira. Todavia, de antemão lhe podemos assegurar que o numero dos seus adeptos será muitissimo limitado. Com effeito, a existencia de uma litteratura no Brazil, que, a nosso ver, nunca attingiu completo e pleno desenvolvimento, é ainda hoje ponto controverso para muitos; o movimento litterario nacional é pouco ou nullo,

quando aliás o nivel intellectual é elevadissimo e o talento um dote commum.

São todos concordes em confessar que é falha de attractivos a nossa vida litteraria: não temos jornalistas nem escriptores a nossa, que vivam francamente da sua penna; infimo é o numero dos productores, ainda menor o de leitores de obras nacionaes e os editores verdadeiramente assumiram as proporções dos antigos mythos. Quem se dá neste paiz ao despremiado labor de escrever ou de ennegrecer papel, como quizerem, ful-o por desfastio ou, mais geralmente, por invencivel inclinação, que, sem estímulo, sem applicação e sem interesse, acaba por atrophiar-se, minguar e desaparecer de todo.

Um escriptor intransigente, mas bem intencionado e pertinaz, o Sr. Sylvio Romero, esboçou nessa mesma *Revista* (1) o quadro da nossa vida litteraria, e o caso é que ninguem o poderá acimar de exagerado ou falso.

Posto isto, quer parecer-nos que é extemporanea e de pouco proveito a idéa de dividir o que não existe ou o que apenas está em via de formação; e seria o mesmo que pretender repartir entre dous pobres a esmola que não chega para um só.

Era este o primeiro reparo que nos despertou este livro; o segundo deriva propriamente da sua indole.

Lourenço é um romance historico, e os romances historicos não são mais do nosso tempo; si não perderam todo, perderam grande parte do interesse desde que o mercantilismo os explorou e os caricaturou e desde que os escriptores, armados de processos novos e de um espirito novo, nos mostraram, a nós, homens de hoje, que havia interesse maior e mais immediato no estudo do homem moderno. Só um espirito de primeira grandeza, uma natureza descommunal e rara, outro Walter Scott, que emigrasse para o passado, que o desencovasse, como — o mineiro desencovou ouro, avidamente e tenazmente, que vivesse por assim dizer toda a vida passada, conseguiria já hoje acordar em nós pelas cousas mortas o mesmo enthusiasmo natural e irresistivel que sentimos pelas luctas da nossa idade.

Além disso, si evocam o passado para exemplo e lição do presente, — como fez Heraculo, — tão differentes são as condicções de hontem e as condicções de hoje, vem de tão longe o exemplo, que nada ou quasi nada poderá aproveitar. Quem nos assegura a nós que os grandes homens antigos seriam igualmente grandes vivendo nos nossos dias? Catão, com ser Catão, si vivesse nas estreitezas dos tempos de agora, pôde bem ser que se fizesse onzeneiro, assassino ou bancarroteiro e fosse acabar em Fernando de Noronha.

Prescindamos, porém, destas considerações, e acceitemos o romance historico tal como noll-o dá o auctor; prescindamos tambem de saber si nesta narrativa foi a historia devidamente respeitada, si se seguiram as regras que regulam este genero de composição; prescindamos de tudo isso, que compete á Critica discutir e resolver, e não a nós, que apenas traduzimos uma opinião individual, pôde ser que falsa e sem base, mas seguramente livre e sincera. Está fóra de duvida o talento, o bom gosto, a erudição, a limpidez de estylo e mais boas partes que concorrem na pessoa do auctor.

Effectivamente: o assumpto principal de *Lourenço* é a lucta travada entre o governador Felix José Machado e os fidalgos pernambucanos. A frente destes destaca-se o audacioso e firme vulto de Falcão d'Ega; cercam-no os representantes das primeiras familias, primeiras nas posses e na nobreza do sangue; o proprio bispo, apesar dos seus annos e do seu caracter, adopta as idéas e os intentos dos descontentes e indomaveis senhores.

O governador, que é mal recebido dos nobres em consequencia das desavenças que já existiam entre os fidalgos e os governadores enviados pelo reino, em vez de conciliar os animos exaltados e apagar a pouco e pouco as prevenções que lavravam como um incendio entre os naturaes, inclinase a debellar e subjugar os nobres por meio da força, do terror e das perseguições.

Dahi o conflicto: os ricos homens de Pernambuco são perseguidos cruamente, não como inimigos, mas como bestas feras; arranca-os o governador dos seus lares, arrasta-os por entre as humilhações das ruas, incendia-lhes os engenhos, não lhes poupa humilhações nem gravames, acossa-os e dá-lhes caça como a animaes perigosos. Os fidalgos (e nisto é que nos parece ser pouco interessante e pouco dramatica a acção do romance), batidos de todos os lados, sem defesa e sem quartel, refugiam-se durante largos mezes nos matos, de onde os vem tirar o perdão d'El-Rei. E' uma lucta desigual e pouco commovente; para a guerra sem treguas que lhes move o governador, os fidalgos tem pequenas represalias; e quando se espera que a nobreza, tendo agremiado as suas forças, irrompa como um furacão e venha á clara luz do sol offerecer combate á dominação estrangeira, é que o governador publica o perdão concedido por El-Rei.

A esta acção principal e historica está ligada a acção puramente de phantasia, embaraçosa, sem uma grande paixão forte e dominadora que impressione o espirito do leitor, que lhe prenda o livro nas mãos, que o torne febril, que, enfim, o obrigue a perdoar o perdão.

E todavia não se lhe poderá negar uma alta dose de sentimento, fina observação e uma arte apurada.

Leia-se o trecho que vai de pag. 222 a 227, talvez o mais bello de todo o livro, e vêr-se-á a extrema naturalidade de dialogação, o desenho acabado de dous caracteres, alguma cousa de nobre e sereno, que é extremamente natural e extremamente artistico.

Em resumo, si regateamos louvores ao seu romance, que nos deixa frios e indifferentes, folgamos de reconhecer no Dr. Tavora notaveis qualidades de escriptor e de critico, vantajosamente affirmadas em varios trabalhos seus. O seu estudo sobre a edição dos *Luziadas* publicada pelo Gabinete Portuguez de Leitura e prefaciada por Ortigão, — pintor da palavra, puro parisiense, Alphonse Karr revisto e augmentado, — mostra tambem o seu espirito reflexivo, o seu criterio, e os brilhantes predicamentos de um estylista.

Muitos taxal-o-hão de rebuscado e com uma pontã de classico, que não é sino a correção mesma; mas nós que não nos preocupamos com escolhas e seitas, que a um tempo admiramos Eulio Zola e o Padre Antonio Vieira, que temos sobre os espiritos exclusivistas e amputados a preciosa vantagem de poder enlevar-nos com a leitura de classicos, romanticos e realistas, não exigimos mais dos escriptores que talento e verdade.

E' tempo de terminar, e terminaremos com uma esperanza e um conselho, posto que ninguem o haja sollicitado: — a esperanza de que o Dr. Tavora muito em breve submeterá ao exame da opinião as razões em que se estriba

(1) *Revista Brasileira*, de 13 de agosto de 1881.